

Sustentabilidade: desdobramentos face a uma busca emancipatória

Sustainability: uncovering's towards an emancipatory search

Mariana Malvezzi¹

Resumo

A presente pesquisa teve por objetivo estudar a sustentabilidade e a emancipação como pilares interdependentes da existência do homem e da sociedade. Aqui, a sustentabilidade é entendida como a possibilidade da permanência e continuidade de ambos. A emancipação é compreendida como a vivência da condição ontológica de ser capaz de participar de seu próprio futuro. Basta uma breve análise das produções acerca desses objetos para expor sua complexidade e a relação interdependente com que estão implicados, num movimento dialético no qual a realização de um requer a compreensão e consideração do outro. Este artigo, portanto, assumiu o exame da sustentabilidade e da emancipação como seus principais objetos. Para tanto levantou, por meio da aplicação da Técnica Q, o entendimento léxico sobre a sustentabilidade por profissionais que atuam com ações e reflexões voltadas a esta temática. Como principal resultado deste levantamento observou-se que os entendimentos sobre a sustentabilidade encontram-se majoritariamente atrelados ao controle dos danos físicos ao ambiente e que a sustentabilidade e a emancipação, principal objeto deste estudo, não se vinculam entre si nas ações propostas pelos sujeitos. Fato que reforça o longo caminho a ser percorrido na discussão destes pilares como elementos cruciais da vida humana, uma vez que a sustentabilidade somente poderá ser viabilizada por indivíduos que almejem a emancipação e, portanto, se mostrem capazes de construir uma narrativa que lhes seja própria.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Emancipação; Identidade.

Abstract

The present research aimed to study sustainability and emancipation as interdependent pillars of man's and society's existence. Here, sustainability is understood as the possibility of permanence, continuity of both. Emancipation is understood as the experience of ones ontological condition, as being able to participate in ones own future. A brief analysis of the productions of these objects is enough to expose their complexity and the interdependent relationship with which they are implicated, in a dialectical movement in which the realization of one requires the understanding and consideration of the other. This article therefore took the examination of sustainability and emancipation as its main object. In order to do so, through the application of Q Methodology, it searched the lexical meaning of sustainability in professionals who work with actions and reflections focused on this theme. As the main consideration of this survey, it was observed that the understandings of sustainability were mostly linked to the controls of the physical damages to the environment and that sustainability and emancipation, main object of this research, don't associate to each other in the actions proposed by the participants. This fact reinforces the long path to be followed in the discussion of these pillars, as crucial elements of human life, since sustainability can only be possible by individuals who aim emancipation and therefore are able to build a narrative of their own.

Keywords: Sustainability; Emancipation; Identity.

¹ Mariana Malvezzi (mariana.malvezzi@hotmail.com) é psicóloga, Mestre em Psicologia Organizacional e Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Pesquisadora Associada ao Laboratório de Psicologia Sócio-Ambiental e Intervenção (LAPSI) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP) e Professora e Pesquisadora na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (ESPM/UNIFESP).



Introdução

A presente pesquisa teve por objetivo estudar a sustentabilidade e a emancipação como dois pilares interdependentes da existência do homem e da sociedade, sendo a sustentabilidade entendida como a possibilidade da permanência e continuidade de ambos e a emancipação como a vivência da condição ontológica de ser capaz de participar de seu próprio futuro. Ambas, sustentabilidade e emancipação cresceram em complexidade no contexto da sociedade globalizada.

Estas questões têm sido foco de significativa atenção em vários campos da ciência, como a Biologia, a Sociologia, a Psicologia e a Filosofia, assim como no âmbito de ações nas esferas governamental, empresarial e principalmente acadêmica. Os investimentos na compreensão da sustentabilidade e da emancipação têm sido férteis, acarretando crescente produção bibliográfica. Basta uma breve análise das produções

desses dois objetos do conhecimento para expor sua complexidade e a relação interdependente em que estão implicados, num movimento dialético no qual a realização de um requer a compreensão e consideração do outro: como em uma tese e em sua antítese, cujo movimento contínuo de aproximação é o que lhes permite existir enquanto fundamento para a existência do homem¹³.

Este artigo, portanto, assumiu o exame da sustentabilidade e da emancipação como seus principais objetos, tendo em vista sua possível contribuição para melhor compreensão da sociedade e de sua gestão. Hoje, tanto se fala e se escreve sobre sustentabilidade e emancipação que fica difícil não naturalizar sua banalização, pois ambas despontam como elementos cruciais da vida humana em sociedade. O pressuposto aqui perseguido é, portanto o de compreender porque a sustentabilidade somente poderá ser viabilizada por sujeitos emancipados.

Método

As dificuldades implicadas na compreensão dos significados que acompanham a palavra sustentabilidade decorrem da amplitude do campo que ela abarca: o planeta Terra, a sociedade, as instituições, a pessoa, dentre muitos outros objetos. Falar de sustentabilidade implica em se comunicar acerca de condições de todos esses objetos. Além disso, esse campo abriga questões e problemas encadeados a um número incontável de outras questões diante das quais qualquer busca de consenso parece irrealizável. O avanço de tal campo de reflexão e investigação traz menos respostas do que novas perguntas; qualquer novo trabalho agrega complexidade ao objeto de estudo porque desnuda outros aspectos.

O caminho escolhido para produzir informações que permitiram elaborar repostas às questões levantadas foi a escuta de outros pesquisadores e profissionais que vêm trabalhando com a mesma pergunta e, ou com os problemas da gestão dos ambientes: físico e social do presente e do futuro. As opiniões desses acadêmicos e desses profissionais, hoje já inseridas no mercado, contribuíram com alguma luz, ou algum caminho novo, uma vez que tais sujeitos são pessoas que assumem posições executivas em organizações, que poderiam ser definidos como agentes de sustentabilidade, ou pessoas que compartilham a mesma tarefa da autora desta pesquisa, uma vez que refletem sistematicamente sobre o conceito de sustentabilidade para melhor compreendê-lo. Diversas empresas criaram inclusive a posição de gestor de sustentabilidade e acoplaram a ela metas estratégicas. Tais profissionais têm experiência em ações que visam gerar sustentabilidade e, por isso, podem contribuir para a explicitação dos elementos e sentidos vinculados à sustentabilidade. Como agentes de sustentabilidade suas ações e seus discursos frente aos objetos e eventos devem ser coerentes com o predicado identitário “sustentável”.

Além dos profissionais, os acadêmicos têm outro tipo de experiência que os capacita a responder o que se entende por sustentabilidade, uma vez que seu esforço tem sido direcionado para integrar as reflexões e articulá-las ao campo teórico de modo que se que possa representar o que seria a ação pela sustentabilidade. Também foi considerado um terceiro grupo de profissionais: os membros do governo, cuja atuação frente a sustentabilidade é entendida por meio do desenvolvimento de políticas públicas, entre outras frentes, ações que abarcam muitos entendimentos sobre a sustentabilidade.

Para se arquitetar a busca da voz de sujeitos que atuam na área de sustentabilidade depara-se com idêntico desafio, já analisado anteriormente sobre a elucidação do conceito. A partir da consideração de diferentes caminhos disponíveis para essa tarefa, como a entrevista, os questionários, grupos focais, estudos de caso e a Técnica Q, optou-se por esta última. Todos os instrumentos considerados em sua potencialidade para apreender a voz dos sujeitos, oferecem vantagens e desvantagens. O exame desses distintos caminhos evidenciou que a Técnica Q desponta como um caminho “despoluído” de complicações e suficientemente eficaz para produzir a diferenciação entre afirmações diversas que são oferecidas como conceito, ou ações que produzem sustentabilidade.

A Técnica Q consiste num processo de escolha forçada de afirmações (“apostas”) oferecidas a juízes. O resultado das escolhas de cada juiz é apresentado na forma de escala ordinal, denominada de Escala Q. A totalidade das Escalas Q elaboradas pelos juízes é submetida a análise de fatores e grupamentos para identificar a significância estatística da homogeneidade entre os juízes na priorização das afirmações que lhes são oferecidas. O principal resultado desse procedimento é a discriminação entre afirmações poderosas e

afirmações fracas. O conjunto de afirmações poderosas, assim como o conjunto de afirmações fracas propiciam a identificação dos conteúdos que têm mais força para aglutinar juízes ao seu redor, ou seja, os motivos que fundamentaram a priorização de afirmações por parte dos juízes.

Devido a essas características, a Técnica Q tem sido largamente utilizada em pesquisa no campo das ciências sociais e comportamentais para estudar ideologias, conceitos e papéis. Estudos dos conceitos de saúde, integridade, estilos de vida e relacionamentos amorosos utilizaram com eficácia essa técnica^{1,16,17}. A Técnica Q é, desta forma, uma metodologia para investigar conceitos e teorias pelo seu poder de mostrar significância na capacidade de afirmações para aglutinar sujeitos, sendo um eficaz método de compreensão da subjetividade humana, por meio da expressão do ponto de vista individual¹⁴.

Assim, através da Técnica Q, os sujeitos foram solicitados a priorizar afirmações sobre o conceito de sustentabilidade a partir de um conjunto de enunciados (“apostas”) que expõem a diversidade de significados, predicados, aplicações e interfaces que tangenciam este conceito. A elaboração da Escala Q por parte de cada sujeito é, desta forma, produto da experiência individual de cada um com o conceito de sustentabilidade. Como este artigo analisa a sustentabilidade e sua correlação com a busca pela emancipação humana, a Técnica Q, dadas as características acima descritas, oferece condições facilitadoras para os juízes proporem sua própria construção do conceito de sustentabilidade e nele identificarem, sua possível relação com a emancipação humana.

O critério de escolha dos sujeitos revela sua identidade como agente de sustentabilidade. Para ser agente, o sujeito deve trabalhar com o conceito teoricamente, ou sua aplicação em situações de avaliação ou gestão. Buscou-se profissionais que

tenham pelo menos três anos de trabalho com sustentabilidade e portanto capazes de criticar o conteúdo que a literatura apresenta como sustentabilidade, sua viabilidade em projetos e empreendimentos e avaliar prioridades intrínsecas à busca pela sustentabilidade. Esses indivíduos, denominados aqui como experts, foram buscados em instituições acadêmicas, empresariais e governamentais.

A população de sujeitos almejado nesta pesquisa foi de no mínimo 15 e no máximo 30, buscando-se diversificá-los entre gestores, acadêmicos e agentes governamentais. O motivo desta estratificação é a captação de uma diversidade de olhares, identificando profissionais que priorizam a reflexão e profissionais que priorizam a aplicação, bem como profissionais que tem foco em políticas públicas.

Também foi considerada para a elaboração das afirmações, a estratificação de seus conteúdos de acordo com as diversas tendências identificadas na compreensão do conceito de sustentabilidade, tal como levantado na pesquisa bibliográfica. Nessa estratificação, foram identificados quatro distintas tendências que diversificam o conceito de sustentabilidade na literatura. São elas: sustentabilidade como controle de danos à natureza física (ambientalismo), sustentabilidade como controle da qualidade de vida (condições de existência), sustentabilidade como princípio (filosofia) e sustentabilidade como emancipação (originalidade e autonomia). Esta estratificação não é uma tarefa fácil porque os critérios de diferenciação não são excludentes, mas se tangenciam e se interpenetram. A seguir apresentaremos os entendimentos das quatro tendências acima descritas.

- sustentabilidade como controle da natureza física:

A busca pela sustentabilidade, e consequentemente sua definição, tem sido fortemente

ancorada na importância da tratativa dos problemas diretamente ligados à questão ambiental, tais como escassez de água, diminuição dos dejetos, programas de reciclagem, entre tantos outros. É provável que, dentre as possíveis ações ligadas à busca pela sustentabilidade, os objetivos descritos por este grupo de afirmações estejam entre os mais assimilados pelas empresas como metas organizacionais, bem como, provavelmente, sejam os mais reconhecidos pela população em geral. Neste grupo de afirmações, a sustentabilidade apresenta-se dependente da noção de resultado (controlável, palpável, concreto) e é condicionada, portanto, às ações originadas imediatamente para que se tenham mantidas as atuais condições de vida da humanidade e as das gerações futuras, como definido pelo Relatório de Brundtland²⁰. Assim sendo, as ações e sentidos para a sustentabilidade apresentadas aos sujeitos, relativas a este grupo, de acordo com a literatura, são propostas concretas para a compreensão e tratamento dos danos causados ao ambiente físico do planeta.

- sustentabilidade como controle da qualidade de vida:

Neste segundo grupo de afirmações, a busca pela sustentabilidade passa necessariamente pelo incremento das condições de vida da sociedade como um todo e tem suas ações fortemente marcadas pela procura por uma melhoria no desenvolvimento das condições de vida do Homem. As ações e sentidos propostos por este grupo de afirmações referem-se a melhorias nas áreas de saúde, moradia, condições de cultura e lazer, identificadas como sinais de qualidade de vida. A questão da responsabilidade dos indivíduos e dos projetos sociais também diz respeito a este grupo. Apesar de não aparecer de forma tão concreta nas iniciativas organizacionais e governamentais, se comparado com as iniciativas de

controle do ambiente físico, este entendimento provavelmente, como no caso anterior, é também bastante disseminado na sociedade como um todo. As diversas iniciativas sociais podem ser referidas como uma possível forma de atuação no sentido de incrementar a qualidade de vida do homem e da sociedade.

- sustentabilidade como princípio:

Neste outro grupo de afirmações, a sustentabilidade é apresentada como uma questão relativa a um interesse maior da sociedade, algo ligado àquilo que se entende por sociedade e sua constituição. Nestas afirmações, o conteúdo principal é a orientação de referência, pautada pela priorização de uma ação sobre outra, frente àquilo que a sociedade deveria ser. Assim, dentro de uma lógica de princípios, a questão da sustentabilidade faz sentido e é pautada mais em decorrência dos critérios das escolhas que são realizadas, ao invés de necessariamente o impacto das mesmas sobre, por exemplo, a qualidade de vida das pessoas. Aqui, tem-se em conta mais o princípio enquanto uma regra ou um preceito que tange o funcionamento da sociedade e as interações entre os homens do que os impactos desta ou daquela ação. Nesse sentido, a atenção para a busca pela sustentabilidade ocorre não como controle dos danos físicos ou busca pela melhoria da qualidade de vida (entendida como ações mais imediatas), mas sim por meio da garantia de condições de justiça, igualdade, liberdade e democracia para todos. A sustentabilidade é, portanto, uma consequência e não o objetivo final destas ações.

- sustentabilidade como emancipação:

Finalmente, como o presente trabalho objetiva saber o quanto a emancipação integra os conceitos de sustentabilidade, foram geradas afirmações, também inspiradas na literatura

acadêmica, que indicassem algum fragmento emancipatório. As afirmações deste grupo procuram mostrar o potencial emancipatório, presente na questão da sustentabilidade ao relacionar emancipação ao desenvolvimento de reciprocidade e ao aumento da conscientização da sociedade como um todo, não apenas no que se refere aos aspectos ligados ao controle físico dos danos, que ameaçam a sociedade, mas também como um reconhecimento, por parte de todos, das próprias potencialidades enquanto atores criativos das próprias histórias⁴.

A sustentabilidade, ou o desenvolvimento sustentável, como proposto no Relatório de Brundtland²⁰ são associados à criação de condições que permitam a “realização das próprias necessidades e aspirações” (p.12). Ao pensar nos dois termos colocados por este relatório, necessidades e aspirações, cabe uma reflexão mais ampla a respeito de todos os seus possíveis significados. A palavra “necessidades” remete a condições que são impreteríveis ou absolutamente imperativas para a vida humana, tais como água, alimentos, abrigo. Ou seja, que sua ausência pode ser fatal. Já a palavra “aspiração” remete aos desejos e anseios do homem. As propostas apresentadas, cujo conteúdo oferece algum fragmento emancipatório, propõem ações relacionadas ao ganho de consciência e reflexão, diminuição das diferenças econômicas sociais e culturais e estímulo para o desenvolvimento de uma cultura comunitária.

Apresentação dos resultados

A seguir são discutidos os resultados da aplicação e análise estatística das Escalas Q obtidas dos 19 sujeitos, sendo cinco (5) acadêmicos, nove (9) executivos do setor privado e cinco (5) funcionários do setor público. Lembrando-se que o objetivo desta discussão não é unicamente compreender os vários entendimentos da

sustentabilidade, mas também refletir em que medida se encontra a busca pela sustentabilidade enquanto emancipação.

As informações coletadas foram submetidas à análise fatorial, o método de avaliação estatística que mais possui afinidade com a Técnica Q14. Como mencionado anteriormente, a característica principal dessa técnica é o fato de que todas as variáveis (afirmações) são tratadas como individualidades. Os dados foram analisados utilizando o software estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences)¹⁹. A análise resultante dos questionários aplicados foi organizada e cada participante foi classificado em cada um dos três grupos estudados (Grupo 1 - Academia, Grupo 2 - Governo e Grupo 3 - Empresa).

As 65 afirmações foram agrupadas em ordem de concordância pelos participantes, produzindo quatro fatores que explicam a maior parte da variabilidade dos dados originais das afirmações. Com base nas cargas fatoriais de cada questão, as afirmações foram divididas em quatro grupos para verificar se a classificação proposta pela análise fatorial é a mesma da classificação proposta anteriormente nos quatro critérios de compreensão da sustentabilidade.

Diante de correspondência significativa, os fatores receberam os nomes dos quatro grupos: “ambiente físico”, “qualidade de vida”, “princípio” e “emancipação”. Nessa operação, foi verificado se existem diferenças significantes entre os valores médios desses quatro fatores em função dos três distintos grupos de sujeitos. O número de sujeitos demandou que a análise fosse feita por meio de testes não paramétricos, pois eles não assumem distribuição normal das variáveis dependentes e o nível de significância adotado foi 5% ($p < 0,05$), como é praxe nos testes estatísticos na área das ciências sociais.

A seguir apresentamos a tabela com os dados acima descritos:

Tabela 1 - Análise Fatorial Exploratória com rotação Varimax das afirmações organizadas em ordem de concordância (N=19)

| fator 1 – natureza física (11% da variância) | | fator 2 – princípio (8,5% da variância) | | fator 3 – emancipação (5,8% da variância) | | fator 4 - qualidade de vida (5,1% da variância) | |
|---|----------------|--|----------------|--|----------------|--|----------------|
| afirmações | carga fatorial | afirmações | carga fatorial | afirmações | carga fatorial | afirmações | carga fatorial |
| 13 (P) | -0,846 | 7 (NF) | 0,795 | 59 (E) | 0,67 | 28 (QV) | -0,701 |
| 2 (NF) | 0,81 | 55 (NF) | 0,696 | 10 (NF) | -0,652 | 29 (QV) | -0,699 |
| 5 (NF) | 0,76 | 27 (QV) | -0,663 | 60 (E) | 0,645 | 32 (P) | 0,697 |
| 11 (NF) | 0,758 | 6 (NF) | 0,646 | 56 (E) | 0,624 | 21 (QV) | -0,688 |
| 43 (QV) | 0,736 | 8 (NF) | 0,642 | 52 (E) | 0,591 | 57 (E) | -0,657 |
| 4 (NF) | 0,728 | 45 (E) | -0,637 | 53 (E) | -0,558 | 20 (QV) | 0,559 |
| 33 (P) | 0,717 | 9 (NF) | 0,631 | 17 (P) | 0,551 | 26 (NF) | -0,553 |
| 1 (NF) | 0,645 | 14 (P) | -0,614 | 40 (QV) | -0,542 | 38 (QV) | 0,501 |
| 3 (NF) | 0,637 | 15 (P) | -0,594 | 51 (E) | -0,541 | 41 (QV) | -0,472 |
| 24 (E) | -0,637 | 34 (QV) | 0,571 | 37 (QV) | 0,499 | 39 (E) | 0,453 |
| 35 (QV) | 0,61 | 18 (NF) | 0,57 | 44 (NF) | -0,397 | 64 (P) | -0,384 |
| 23 (QV) | 0,6 | 47 (P) | -0,528 | 25 (QV) | -0,394 | | |
| 19 (QV) | -0,592 | 16 (P) | 0,511 | 31 (P) | -0,352 | | |
| 54 (E) | -0,586 | 12 (NF) | 0,481 | 62 (E) | -0,239 | | |
| 65 (P) | -0,566 | 63 (P) | -0,48 | | | | |
| 36 (E) | 0,465 | 61 (E) | -0,479 | | | | |
| 22 (E) | -0,429 | 46 (P) | -0,474 | | | | |
| 58 (E) | -0,41 | 30 (P) | -0,403 | | | | |
| 49 (P) | -0,357 | 42 (QV) | 0,392 | | | | |
| 50 (E) | -0,309 | 48 (P) | -0,289 | | | | |

Legenda: P = princípio; NF = natureza física; QV = qualidade de vida; E = emancipação.

Análise dos resultados

Com o intuito de analisar a sustentabilidade a partir de sua interdependência com a busca pela emancipação, esta pesquisa buscou por meio de um exercício de categorização de 65 metas para a sustentabilidade por profissionais agentes do conceito, compreender como a construção desse conceito está sendo realizada e como seus preditores estão ou não alinhados com as ideias de originalidade e autonomia^{5,9}, de livre expressão do ganho de uma sabedoria própria⁴, ou de constituição subjetiva da própria autodeterminação¹¹.

Desta forma, esta seção se propõe a analisar os resultados à luz desta reflexão teórica.

Os resultados revelados, pelos dados empíricos, não demonstram a clareza que se esperava, como também se pode observar na literatura acadêmica pesquisada, como, por exemplo, os diferentes entendimentos presentes nas áreas de Ecologia, Ambientalismo e do próprio Desenvolvimento Sustentável^{2,3,7,8,15,22}. Entretanto, os resultados providos pela análise estatística forneceram muitas informações que provocam inúmeras reflexões que poderão auxiliar a responder

algumas das questões colocadas ao longo deste trabalho.

Desta forma, o dado que mais ficou evidente, é que não está claro para os sujeitos entrevistados o que significa sustentabilidade, dado a falta de homogeneidade tanto nos agrupamentos de respostas, como na ordem de preferência das metas oferecidas. Fato que sinaliza, que muitas das questões colocadas no decorrer desta reflexão também povoam suas mentes. E que, apesar de, enquanto agentes do conceito atuarem diretamente na reflexão ou definição de ações para a sustentabilidade, não possuem segurança das ações e reflexões necessárias para a tratativa desta problemática. Afinal, tudo pode ser importante quando se trata de uma temática tão complexa como a sustentabilidade.

As inferências permitidas pela Escala Q elaboradas por estes sujeitos comunicam que se está diante de uma questão que perpassa diferentes campos da sociedade e do saber, tal como também observado na análise teórica. Problema idêntico ocorre com o conceito de trabalho. A física responde que é uma energia, o marxismo que é uma mercadoria, o freudismo que é uma atividade de afirmação do adulto, a filosofia que é uma categoria ontológica do ser humano, a tradição judaico-cristã que é um castigo de Deus, e Hegel, que é um espelho do ser humano. Assim, o trabalho é um objeto implicado em diversos aspectos do ser humano. Analogamente, a sustentabilidade surge igualmente com muitas implicações inerentes a sua construção. Seu mundo físico e seus recursos são perecíveis e substituíveis se a própria sociedade é construída, se as identidades são produzidas e reproduzidas continuamente, a todos esses objetos, pode-se aplicar o conceito de sustentabilidade. Em razão dessa grande abrangência de elementos e de complexas inter-relações, a diversidade de aplicações para a sustentabilidade não poderia estar

ausente dos dados empíricos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa. Desta forma, os sujeitos parecem apresentar as mesmas dúvidas e questões que esta pesquisa procurou levantar.

Outro aspecto que pode ser elaborado a partir destes dados é que o caminho para se investigar a sustentabilidade implica no desdobramento da aplicação desse conceito em diferentes campos, tal como proposto aqui: ambiente físico, qualidade de vida, princípios e emancipação. Os sujeitos assumiram as afirmações próprias desses quatro campos, sendo que nenhum deles ofereceu resistência ou estranhou ações em qualquer uma das 65 afirmações apresentadas. Tal como dito acima sobre o trabalho, a sustentabilidade é uma condição de existência e que, portanto pode ser aplicada a tudo o que existe. Esses campos se permeiam como fica claro na fronteira estabelecida aqui entre condições do ambiente e qualidade de vida. As condições do ambiente físico fazem também parte da qualidade de vida. Caberia pensar em sustentabilidade, não como desenvolvimento, mas como a presença ou o esforço para o alcance dos quatro campos estudados no trabalho empírico desta pesquisa. Isso porque o desenvolvimento atrelado à sustentabilidade, ou melhor, a sustentabilidade atrelada ao desenvolvimento (como tem sido apontada, principalmente depois do Sustainable Development Summit²¹), que apresenta um fator limitante que, até certo ponto, tem pautado as ações no sentido de uma manutenção do status quo¹⁸.

Também, pode ser levantado a partir dos dados, que apesar da pouca clareza para o agrupamento de metas para a sustentabilidade existe diferença significativa entre os três distintos grupos de profissionais pesquisados. A escolha por essas categorias de sujeitos foram definidas porque o exercício profissional e o exercício da reflexão teórica, focados em objetos diferentes pode moldar as percepções, representações e

os valores dos indivíduos, tal como foi largamente demonstrado pelos estudos das profissões⁶. Desta forma, seria difícil acreditar que não houvesse diferenças entre um gestor de sustentabilidade subordinado a parâmetros de lucro e outro subordinado a parâmetros de políticas públicas. Essa diferenciação entre os sujeitos aparece, até mesmo, na composição dos subconjuntos que o tratamento estatístico gerou dentro de cada grupo profissional. Constata-se apenas uma única concordância entre as afirmações que não foi associada a qualquer conjunto significativo de sujeitos e de afirmações, mostrando alta dispersão, tanto que o próprio software utilizado as eliminou. Essa única afirmação que aparece eliminada tanto no grupo de Empresa, como no do Governo é a afirmação 34 (investimento na diminuição do desemprego). Esse resultado revela que o investimento na diminuição do desemprego não integra qualquer conjunto de metas que compõem alguma ação dirigida para promover sustentabilidade. Esse item é visível apenas nos escores do grupo Academia. Infelizmente, a falta de dados qualitativos que explicitem os porquês das escolhas não permite caminhar adiante na compreensão dessa rejeição, aparentemente tão importante.

A análise fatorial apontou apenas duas diferenças significativas na amostra estudada: o grupo Academia mostrou-se mais distante do grupo Governo e Empresa, nos fatores “emancipação” e “natureza física”, respectivamente. Houve, portanto menor concordância dentro do grupo Academia no que se refere à “emancipação” do que entre os profissionais consultados do grupo Governo. Este resultado pode indicar que na academia, dada sua característica mais reflexiva existe maior crítica com relação aos critérios ou condições necessárias para busca pela emancipação. Esta condição vem marcada, por exemplo, já na própria Teoria Crítica, cujos diversos autores, apesar de concordarem em muitos

aspectos apresentam diferenças significativas no entendimento do homem e da sociedade. O que falar então, dos profissionais entrevistados que pertencem a diferentes ciências. A outra diferença significativa, encontrada entre os profissionais entrevistados, foi uma maior concordância dentro do grupo Academia, no que se refere à “natureza física”, do que entre os profissionais do grupo Empresa. O conceito de transigência¹⁰ pode ser aplicado nesse caso. Isto porque, a responsabilidade pelo lucro de uma empresa pode moldar o gestor em relação a uma ação mais do que outro que tem a responsabilidade por políticas públicas ou a vigilância das empresas que exploram o ambiente. Esta adaptação (a própria “transigência”) da realidade também pode estar refletindo a importância que o discurso sustentável possui nas empresas¹². Fato que não se comprova no grupo Academia, em função da própria natureza de sua atuação.

Outra informação importante propiciada pela análise estatística é a diversidade de composições de ações que potencialmente gerariam sustentabilidade. A comparação dos conjuntos de afirmações aglutinados e diferenciados nos 12 quadrantes produzidos pelo SPSS pelos três grupos de profissionais sugere que não existe uma concordância de caminhos para se produzir sustentabilidade. Pode-se afirmar que este resultado, apresenta 12 possíveis caminhos que incluem ações próprias dos quatro aspectos estudados, com exceção do quadrante 2 do grupo de acadêmicos que não contempla qualquer ação alocada como emancipatória. Nesse quadrante constam 16 ações que foram significativamente associadas entre si como um caminho, porém sem que fosse nele incluído qualquer ação no sentido de produzir algum fragmento emancipatório. Nenhum outro quadrante excluiu totalmente uma das categorias de ação. Portanto, nos outros 11 caminhos propiciados por este trabalho, a ação

produtora de sustentabilidade requer respeito a princípios, controle sobre a natureza física, controle sobre as condições de qualidade de vida e ações emancipatórias. Este resultado mostra que, até certo ponto, há concordância tanto com o princípio da responsabilidade¹¹, como com as deslimitações do Eu¹⁰, com o cuidado com o meio ambiente² e com a garantia de aspectos ligados à qualidade de vida²⁰.

O próprio processo utilizado para a definição do conceito de desenvolvimento sustentável (hoje uma referência mundial nesta temática) oferecido por meio do Relatório de Brundtland é um indicativo desta interdisciplinaridade inerente à construção da sustentabilidade. O resultado deste esforço em aglutinar diferentes perspectivas gerou um documento importante, porém que justamente por abarcar diversos aspectos tornou-se tão maleável, que qualquer iniciativa pode ser entendida como um esforço no sentido de buscar a sustentabilidade^{7,8,22}. Aspecto que acaba por abrir espaço de manobra para os muitos interesses políticos e econômicos de países e organizações.

Esses resultados demonstram que o campo “emancipação” é o mais fraco dentre os quatro campos aqui considerados, na concepção estratégica de sustentabilidade, por parte dos sujeitos. O campo mais forte, ou o que mais compõe a concepção de sustentabilidade dos sujeitos aqui representados é o “ambiente físico”. Se os campos relativos ao “ambiente físico” e “qualidade de vida” forem integrados num único campo, a mesma proporção entre os campos se mantém. Entretanto, a afirmação com maior carga fatorial foi a número 13 (promoção e aprofundamento da democracia, como justiça social), que pertence ao campo “princípio” e trata da democracia e justiça social como condições de sustentabilidade.

Os resultados revelam que há forte concordância entre os sujeitos sobre a incapacidade de ações limitadas ao nível técnico para promover a

sustentabilidade. Ou seja, que a criação e definição de critérios de justiça precisam estar presentes na sociedade, além dos aspectos ligados aos controles de danos físicos ao ambiente. Contudo, tal como presente nas primeiras articulações acerca da sustentabilidade^{7,8} os aspectos físicos e de controle de danos permanecem prioritários frente aos demais. Assim, uma nova ética^{11,15}, apesar de reconhecidamente importante na literatura e em algumas ações governamentais e organizacionais, ainda não ganhou o espaço que as atuais mudanças globais demandam.

Esta análise permite concluir que o conceito de sustentabilidade é um conceito, como no caso da identidade⁴, em constante construção e que caberá à sociedade e ao Homem atuarem no sentido de tornar a discussão acerca dessa problemática e seus desdobramentos em uma busca que tenha em conta o próprio homem e sua condição ontológica, em seu vir-a-ser. Esta condição parece, justamente por reconhecer o homem em toda sua potencialidade, ser a condição para que ele não apenas se reconheça e reconheça ao outro, como também reconheça o mundo a sua volta.

Referências

1. Baker RM. Economic rationality and health and lifestyle choices for people with diabetes. *Social Science & Medicine*. 2006; 63(9):2342-2353.
2. Carson R. *Silent spring*. Boston: Houghton Mifflin;1962.
3. Castells M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra; 1999.
4. Ciampa A. *A estória do Severino e a história da Severina*. Um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense; 1987.
5. Ciampa A. Políticas de identidade e identidades políticas. In: Dunker CIL, Passos MC (Ed.). *Uma psicologia que se interroga - ensaios*. São Paulo: Edicon; 2004.
6. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da*

- relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 1994.
7. Doebel R. Sustainability in history. on uses and abuses of a concept and a term. Germany: University of Muenster; 2011.
 8. Grober U. Deep roots. a conceptual history of sustainable development. Berlin: Wissenschaftszentrum; 2007.
 9. Guareschi N. As relações sociais na construção das identidades. *Psicologia em Estudo*. 2002; 7(2):55-64.
 10. Habermas J. O futuro da natureza humana. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
 11. Jonas H. Le principe responsabilité. France: Champ Es-sai; 1979.
 12. Layargues PP. A cortina de fumaça: o discurso empresarial verde e a ideologia da racionalidade econômica. São Paulo: Annablume; 1998.
 13. Malvezzi M. Sustentabilidade e emancipação. a gestão de pessoas na atualidade. São Paulo: Senac; 2013.
 14. Mckeown B, Thomas D. Q methodology: quantitative applications in the social sciences. Iowa: Sage University; 1988.
 15. Pena-Vega A. O despertar ecológico - Edgar Morin e a ecologia complexa. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.
 16. Randall K, Bender D, Montgomery D. Determining the opinions of health sciences students and faculty regarding academic integrity. *International Journal for Educational Integrity*. 2007; 3(2):27-40.
 17. Ray C, Thorman J. Using Q methodology as a strategy to explore cultural opinions toward Health Care Journal of International Society for the scientific study of subjectivity. 2006; 29:3-4.
 18. Sachs W. No sustainability without development: *Aislin Magazine*; 1995. v.11.
 19. SPSS Statistics for Windows, IBM, Version 24.0. Ar-monk, NY: IBM Corp.
 20. United Nations (New York). Report of the world commis-sion on environment and development: Our comon future; 1987. [acesso em: 01 ago 2017]. Disponível em: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>
 21. United Nations (New York). World summit on sustainable development WSSD. Johannesburg Summit; 2002. [acesso em: 28 ago 2017]. Disponível em: <https://sustainabledeve-lopment.un.org/milestones/wssd>
 22. Veiga JE. Desenvolvimento sustentável. o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.